

O martírio de Ana Lídia

Os pais de Aninha a deixaram à entrada do colégio Madre Carmem Sales e afastaram-se no carro. Vestidinho azul e branco, levando às costas sua pasta escolar e, pendurada ao ombro, sua lancheira, a menina loura, de 7 anos de idade, atravessou o pátio e caminhou-se para a entrada. Um jovem alto, louro, cabelos compridos, chamou-a pelo nome. Aninha voltou-se. Deve ter reconhecido o rapaz, pois voltou sobre seus passos e, ao invés de ir para a aula, seguiu-o conversando alegremente, para lugar ignorado. Menos de 24 horas depois, o corpo de Aninha foi encontrado no cerrado, os cabelos cortados a faca, o corpo queimado, horrivelmente brutalizado. Estava consumado um dos mais horrendos crimes da história policial. E, hoje, mais de um ano decorrido do fato que traumatizou a família brasileira, ainda não se sabe quem é o culpado, pois o caso se apresenta, a cada dia, mais nebuloso. Existem muitos suspeitos. Mas quem é o culpado? A fase de inquirição de testemunhas que hoje se inicia é de suma importância para o esclarecimento de muitos mistérios.

Muito já foi dito, escrito e pensado sobre o caso Ana Lídia. O crime de que foi vítima, nos dias 11 e 12 de setembro do ano passado traumatizou a opinião pública do Distrito Federal que, durante algum tempo e ainda hoje depois de um período de aparente esquecimento, sofre a monstruosidade do que ela sofreu, como se tudo aquele pesadelo tivesse acontecido com alguém de sua intimidade.

Quando, já ao anoitecer do dia 11, a notícia de sua retirada do Colégio Madre Carmem Sales chegou à redação dos jornais, todos viam no fato uma notícia, realmente; mas ninguém acreditava que teria um desfecho tão trágico e, principalmente, apenas 24 horas depois. Tanto assim que, a ocorrência foi relegada a um plano secundário, pois a grande notícia, a manchete do dia, era, sem dúvida, a queda de Salvador Allende, da Presidência do Chile.

Os próprios pais de Aninha, no outro dia logo cedo, em sucessivas declarações à imprensa, revelavam uma certa tranquilidade, manifestando a confiança de que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto. Primeiro, porque eles tinham certeza de que, quem retirara a garota do colégio só podia ter sido uma pessoa de sua plena intimidade. Aninha era uma menina muito esquiwa e não acompanharia, de maneira nenhuma, um estranho. Depois, não teria sentido "um seqüestro de verdade", contra uma filha de simples funcionários públicos.

Até mesmo o telefonema para a 2ª DP, exigindo o resgate de dois milhões de cruzeiros e, durante o qual, a garota, posta ao fone, teria dito aos prantos: "Quero mamãe" - não impressionava o casal Braga, que se mantinha firme na sua convicção de que não podia ser verdade e que tudo era mesmo "uma brincadeira de mau gosto".

AS PRIMEIRAS DILIGÊNCIAS

Aninha foi deixada no Colégio, por seus pais, por volta das 13:30 horas, mas não chegou à sua sala de aula. Após os seus primeiros passos, já no pátio do estabelecimento, foi chamada e atendeu a um jovem louro, alto e de cabelos compridos. Com ele saiu conversando alegremente, na inocência dos seus sete anos, sem sequer imaginar os tremendos sofrimentos que lhe estavam reservados daí a apenas algumas horas.

Elá se foi a caminho do martírio. Vestida de azul e branco, levando às costas a sua pasta escolar e, pendurada ao ombro, a lancheira aze, naquela tarde, não chegou a usá-la. Nas imediações do IPASE, o jovem louro a entregou a um outro, moreno e mais baixo. A caminhada prosseguiu rumo à UnB e nyna mais Aninha foi vista cam vida. Entretanto, o seu desaparecimento só foi percebido depois das 16 horas, quando a empregada de sua casa, Rosa, cumprindo um ritual que repelia todos os dias, fora esperá-la ao término das aulas. Saíram todas as colegas de Aninha, menos ela. Rosa, antevendo que alguma coisa de anormal havia contecido, foi pedir informações às religiosas do Colégio. E recebeu a única notícia que jamais poderia esperar receber: "Ana Lídia hoje não compareceu".

Se tivessem dito que Ana Lídia pedira para sair mais cedo; ou que se sentira mal e fora levada a um hospital, Rosa não teria se desesperado. Mas, dizer que Aninha não tinha comparecido, logo a ela que, com tanto cuidado, passara a ferro a sua roupa, preparara a sua merenda e vira a saída de Aninha, com os pais, para o colégio...Alguna coisa de errado só podia estar acontecendo.

Foi então que os pais, funcionários do DASP, foram cientificados do que estava ocorrendo e, somente depois disso, o fato chegou ao conhecimento da Polícia. Os criminosos estavam, com pelo menos três horas de vantagem. Começaram as buscas. A Asa Norte foi vasculhada, inclusive os cerrados e nada de Aninha.

O CADÁVER E O SEPULTAMENTO

No dia 12, as buscas continuavam. E, por volta do meio dia, numa pequena vala do cerrado próximo à UnB, foi encontrado o cadáver sequestrado de Ana Lídia. Cortaram-lhe os cabelos a faca, queimaram-lhe o corpo e a sequestradora depois de morta. Vários tipos diferen-

tes de esperma foram encontrados em seu corpo.

No resto do dia até o sepultamento, no final da tarde, foi tomado pelas providências de praxe, com a realização da autópsia e do levantamento do local onde o corpo foi encontrado e em cujas proximidades estavam, também, os pertences de Ana Lídia.

As 17 horas ela foi sepultada e, lá mesmo, no cemitério, um morador das redondezas, cuja fisionomia o povo ligou à do sequestrador louro, teve que fugir para escapar do linchamento, tamanha era a revolta popular contra a monstruosidade do crime.

AS PRIMEIRAS VERSÕES

Embora, a partir daí, as investigações policiais tenham se desenvolvido sob sigilo, várias versões começaram a surgir pela cidade, todas elas incriminando o irmão de Ana, Alvaro Henrique Braga. Ele tinha as mesmas características do sequestrador, segundo as indicações dadas pelo jardineiro do colégio, Benedito Duarte da Cunha aue, agora se soube, o reconheceu como tendo sido a pessoa que chamou Aninha e com ela saiu.

Então, foi armado o seguinte enredo: Alvaro era viciado em drogas e vinha sendo abastecido a crédito, por uma "ganga" de traficantes. Sua conta, porém, ia se avolumando até chegar a uma grande soma, pelo que os traficantes lhe exigiram uma definição quanto ao pagamento. Foi aí, então, que surgiu a idéia do seqüestro.

Com isso, Alvaro esperava sensibilizar a opinião pública para garantir ao seu pai o dinheiro suficiente para pagar o resgate e Aninha seria devolvida com vida. Entretanto, o fato de não ter sido dado crédito ao pedido de resgate formulado através de um telefonema à 2ª DP, precipitou os acontecimentos e os traficantes também sob o efeito de drogas e temendo que as diligências se intensificassem e fossem localizados, resolveram livrar-se da menina.

Acontece que ela não poderia ser liberada com vida, pois, com toda certeza, os denunciaria. E cometeram o crime. Com relação a Alvaro, nada tinham a temer, pois ele também estava envolvido e não teria coragem de falar a verdade pois, considerando-se a sua cumplicidade, seria considerado muito mais cruel e monstruoso do que os próprios traficantes a quem devia..

TAXI VERMELHO, UMA PISTA FALSA

No decorrer das diligências policiais, uma pista, ao que tudo indica, "furada" tumultuou o trânsito da cidade e tomou demasiado tempo de dezenas de agentes policiais. Era a referência feita a um táxi vermelho que teria sido tomado pelos sequestradores de Ana Lídia, ainda na L—2 Norte, seguindo em direção à UnB.

Várias blitzes foram realizadas em decorrência dessa indicação. Todos os táxis de cor vermelha existentes em Brasília foram apreendidos, examinados minuciosamente e seus motoristas interrogados. Entretanto, essas diligências não deram em nada e a pista foi, efetivamente, abandonada e, nunca mais se ouviu falar nela.

Somente mais tarde, já este ano, a estudante Fátima Soares Maia, vítima em um outro processo a que respondem Duque e Alvaro, informou que Duque possuía um volks vermelho e que, nesse carr, havia sinais de nele já fora instalado um taxímetro.

Mas, isso até agora não foi comprovado. Duque afirma que nunca possuiu carro de cor alguma, acrescenta que não sabe dirigir e as testemunhas até agora interrogadas e que com ele manteriam relações de intimidade, também nada revelaram.

E não se fala mais em táxi vermelho.

AGLAI, UM HOMEM DA "GANG"

A precaução com que eram realizadas as diligências policiais para esclarecer o mistério que, desde então, encobre o caso, foi quebrada com uma notícia procedente de São Luis, Maranhão, onde foi preso Aglair Spilca Tavares, apontado como integrante da "gang" responsável.

Até hoje, não ficou esclarecida qual a ligação que Aglair poderia ter tido no caso. Trazido para Brasília, foi interrogado e posteriormente liberado como inocente. A razão das suspeitas que sobre ele recaíam, poderá ser esclarecida no decorrer da atual



O jardineiro diz que foi Alvaro o sequestrador

fase judicial do processo, por ter sido arrolado como testemunha de defesa de Duque, pelo defensor Pedro de Assis.

Mas, as diligências policiais prosseguiram. Muita gente foi ouvida em vários órgãos policiais, muitas vezes com a presença de um representante do Ministério Público, o promotor José Jerônimo Bezerra de Souza. Nesses depoimentos - do jardineiro, de religiosos, de um empregado do condomínio do bloco onde moram os Braga etc, algumas indicações, além de levar a Alvaro, chegavam também até Raimundo Lacerda Duque, um funcionário do DASP que mantinha estreitas relações de amizade com a família de Ana Lídia. Mas, para

que eles fossem mesmo denunciados e, assim mesmo, como dois dos responsáveis e não como os dois responsáveis pela chacina de Ana Lídia, foi preciso que surgisse no enredo dessa história cheia de horror mistério e monstruosidade, a figura, não menos misteriosa, da estudante paraitana Fátima Soares Maia.

FÁTIMA, MAIS UMA VICIADA

Ela morava com os pais em João Pessoa, onde mantinha relações de amizade com jovens pertencentes a famílias da sociedade e com os quais se entregava ao uso dos tóxicos. Um dia resolveu atender os conselhos de um irmão, que desejava vê-la afastada das suas companhias e convenceu o

pai a mandá-la para Brasília.

Aqui, Fátima foi hospedada por um casal de conterrâneos, que morava perto da casa de Alvaro. Em abril deste ano, porém, foi encontrada apresentando sinais de ter sido agredida, num local próximo ao CEUB. Foi levada à Delegacia e disse que foi vítima de uma tentativa de assalto. Depois, entretanto, desmentiu a história do assalto e disse que fora vítima de Alvaro, Duque e de mais uma outra pessoa que ela não sabe o nome.

O seu relato é meio complicado. Segundo a defesa, depois de ter acusado Alvaro e Duque, ela se ajoelhou aos pés de ambos, pedindo desculpas e afirmando que não os conhecia. Mas, alguns dias mais tarde, já em João Pessoa, para onde voltou, tornou a acusá-los, narrando com detalhes as ameaças e as sevícias de que foi vítima culminando com uma série de torturas, inclusive queimaduras nos seios, ocorrida num cerrado, praticada por Duque, enquanto Alvaro e o outro indivíduo vigiavam os arredores.

A SUA HISTÓRIA MAIS RECENTE

Em João Pessoa, numa Casa de Saúde onde era submetida a tratamento, Fátima falou perante um representante do Ministério Público e também na presença de Alvaro e Duque. Disse que a sua ligação com a dupla ocorreu por acaso. Um

dia encontrou-se com Alvaro e puxou conversa com ele e, pouco depois, era apresentada a Duque.

Ficou "transando" com os dois, que a abasteciam de tóxicos, inclusive LSD. Não demorou muito, porém, e Duque começou a lhe exigir pagamentos acima de suas posses. Então, ela passou a sentir-se insegura, chegando a reclamar para Alvaro. Nessa oportunidade ele lhe avisou de que agora era tarde e ela não deveria tentar se retirar, porque uma vez quisera fazer isso e "eles" mataram a sua irmã. Fátima continuou. Duque não parou de explorá-la. Um dia, obrigou-a a entrar em seu carro e, como não foi atendido na exigência de mais dinheiro, levou-a ao cerrado. Aplicou-lhe torturas e afirmou que, se por acaso ela o denunciasse, sofreria o mesmo que ele fizera com Ana Lídia.

Para os advogados de defesa, Fátima é mito-maníaca e deveria ser trazida para depor em Brasília, já que foi arrolada como testemunha de acusação. Contudo, a lei assegura às testemunhas o direito de serem ouvidas na comarca onde moram. E, por isso, ela será ouvida mesmo em João Pessoa, embora, segundo o juiz Dirceu de Faria, possa ser intimada a vir a Brasília se, no decorrer do processo, a sua presença for considerada imprescindível.

para o esclarecimento de pontos obscuros.

AS TESES DAS DUAS PARTES

O Ministério Público afirma dispor das provas suficientes para denunciar Alvaro e Duque pela infração dos artigos 159 parágrafo 3º (extorsão mediante seqüestro seguida de morte - pena de 20 a 30 anos de reclusão, a maior cominada pelo Código Penal), 211 (ocultação de cadáver - pena de um a três anos de reclusão) e 212 (vilipêndio a cadáver - pena de um a três anos de detenção). Além desses, Duque responde ainda, no mesmo processo (ambos respondem a um outro pelo caso de Fátima), pelos crimes de falsificação e uso de documentos falsos, cuja pena é de dois a seis anos de reclusão para cada um.

A defesa, porém, nega a autoria, com exceção dos dois últimos crimes, confessados por Duque. Alvaro afirma que acompanhou os seus pais quando estes foram deixar a menina no colégio e, por isso, não pode ter sido a pessoa que a sequestrou. Duque garante que, no dia 11, não saiu de sua residência, no Acampamento da Metropolitana.

A acusação, porém, dispõe de testemunhas que desmentem essas afirmações e que a partir de hoje, quando começaram a ser ouvidas na Justiça, deverão confirmar declarações nesse



Alvaro: o irmão acusado do monstruoso crime

sentido já formulados perante a Polícia.

A fase de inquirição de testemunhas que hoje se inicia, é de suma importância para o esclarecimento de muitos pontos ainda nebulosos. Mas, ninguém tem certeza se poderá surgir toda a verdade, pelo fato de a família da vítima, à qual pertence também um dos acusados, não compartilhar da tese da Promotoria Pública. Assim, a acusação fica dependendo, apenas, do Ministério Público que, no cumprimento de sua inestimável missão de defensor da Sociedade, resente-se, contudo, da mesma mobilidade e das mesmas condições que teria um advogado contratado especialmente para punir os culpados.